



Meliponicultura nas áreas verdes da cidade *Meliponiculture in the city's green areas*

LAZZARI, João Vitor¹

¹Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2023

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território

Resumo: O presente trabalho visou uma investigação sobre a natureza que por fim se consolidou em um projeto agroecológico. Partindo de uma faculdade de arquitetura e urbanismo, buscou-se olhar para o planejamento territorial sob influência dos povos indígenas, sob uma justificativa sociológica da importância de dar voz a esses povos. Detectou-se a presença da meliponicultura em terras indígenas e então surgiu o projeto de estudar a territorialidade de grupos de abelhas sociais nativas. O experimento de coletar abelhas em ninhos, realocá-las e controlar a produção de mel tem um sentido didático e abre margem para aplicação em outras áreas. Seja desde a coleta dos ninhos, ou já a implantação de caixas e plantação de plantas para a alimentação das abelhas. Esse estudo e projeto visa uma agroecologia urbana, valorizando a biodiversidade e as trocas da sociedade com a natureza.

Palavras-chave: povos indígenas, sociologia, planejamento territorial, meliponicultura, agroecologia.

Introdução:

O trabalho possui uma base sociológica e busca incorporar saberes indígenas nos territórios urbanos por meio da imaginação de um projeto em rede em diversas áreas verdes das cidades. Tendo em vista o município de São Paulo como ponto de partida do estudo, percebe-se sua riqueza natural e historiográfica com as inúmeras aldeias e elevados fluxos migratórios que convergiam na região antes da chegada das embarcações europeias. É certo que havia conflitos entre aldeias vizinhas - dos tupiniquins contra os tamoios ao Norte e contra os carijós ao Sul -, mas a colonização extrapolou esse conceito com uma cultura carregada de grandes conflitos, seja com a introdução da religião ou com o sistema imunológico com novas doenças. De lá pra cá houve uma interculturalização, prevalecendo a vontade colonizadora contra uma fuga e resistência dos povos originários.

Hoje em dia a maior parte dos indígenas encontra-se em meio a cidade, contudo há também aldeias que resistem ao tempo e, na capital do estado de São Paulo, há dois conjuntos. Um ao Norte, o menor brasileiro, com cerca de 1,7 hectares em 6 aldeias e somam cerca de 600 habitantes. Já ao Sul, avizinhandose com outros municípios, tem-se ao todo cerca de 24.000 hectares distribuídos em 10 aldeias num total de 1500 habitantes.



A primeira está mais inserida no contexto urbano e, inclusive, sofre pressões do setor da construção civil por questões de terra - debate que se estende atualmente no Projeto de Lei 490 votado no Congresso Nacional que desprestigia os povos indígenas e suas terras. Mesmo assim, com um território relativamente pequeno e, tal como na época colonial, ameaçado por interesses alheios, foi reintroduzida uma prática indígena em uma aldeia por meio de um cacique em 2017. Isso foi fruto de trocas entre indígenas de diferentes estados brasileiros: o cultivo de abelhas nativas - o que poderia ser chamado de “ruína-semente”, segundo o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos.

Em um país onde a burocracia parece estar ao lado de quem financia mais, vemos práticas enfraquecidas como o Projeto de Lei paulistano de 2016 que visa criar o “Cinturão Verde Guarani” e assim consolidar projetos que não estão defendidos pela legislação como o Programa Aldeias que vem dando voz à cultura indígena local. Assim como o Plano Diretor Estratégico municipal que recentemente vem sofrendo pressões e cedendo para os interesses destrutivos financiados pelo capital privado. Isso nos mostra o caráter emergencial de buscar mais ações protetivas e apoiar culturas historicamente negligenciadas por meio de financiamentos, como é o caso do Projeto PSA Guardiões das Florestas que vem auxiliando monetariamente pessoas que cuidam do bioma natural de São Paulo.

Elaborar um projeto, então, que valorize a cultura ameríndia, trazendo elementos para a vivência cidadina, é um ato novamente de resistência. Não só isso, relaciona-se também com conceitos de economia criativa, de saúde pública e de agroecologia. E vale ressaltar que o mel das abelhas nativas da aldeia do Jaraguá do povo Guarani Mbya, Norte de São Paulo, é reconhecido como sagrado e fonte de energia para eles - “Mbaraete”, do idioma guarani, que se relaciona com a palavra força -, além da cera que também é produzida e utilizada na confecção de materiais.

Metodologia:

Buscou-se fazer um projeto piloto em uma área de sistema agroflorestal no jardim da Biologia da USP. Desde a confecção dos materiais de captura de abelhas para fazer um ninho em garrafa pet, até a extração de produtos de caixas de abelhas nativas - fazendo uso do laboratório de meliponicultura da mesma Faculdade assim como meliponicultores da cidade. Há também a análise de plantas benéficas para o pasto das abelhas para por fim elaborar um plano geral que possa ser aplicado em diferentes áreas das cidades integrando abelhas, áreas verdes e comunidade civil.

Resultados e Discussão:

Uma cartilha é elaborada de modo a explicar como começar um meliponário em uma área verde desde a captura das abelhas até o plantio de pasto, passando pela manutenção e a explicação das diferentes espécies.



Conclusões:

Ao partir da ideia que originalmente a Mata Atlântica era um grande jardim dos povos que aqui habitavam há milênios (KRENAK), preservar as florestas e enriquecê-las com a meliponicultura é um projeto sustentável que imagina fortalecer os habitantes e os ambientes naturais e ao mesmo tempo questionar a expansão do mercado financeiro da construção civil com técnicas de agroecologia.

Agradecimentos:

Agradeço ao meu orientador e coorientador da FAU USP Luciano Migliaccio e Euler Sandeville, agradeço também ao pessoal do Museu das Culturas Indígenas da cidade de São Paulo assim como as pessoas vinculadas à faculdade de Biologia em especial ao coletivo Taiobas do Matão.

Referências bibliográficas:

Santos, Boaventura de Sousa, 1940 - O Fim do Império Cognitivo: afirmação das epistemologias do Sul / Boaventura de Sousa Santos. – 1. ed.; 3. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

São Paulo. Projeto de Lei 181/2016. Nabil Bonduki. Política Municipal de Fortalecimento Ambiental, Cultural e Social de Terras Indígenas.

Krenak, Ailton, 1953 - Depoimento [nov. 2022]. Entrevistador: Manuel da Costa Pinto. São Paulo: Biblioteca Parque Villa-Lobos.

Jecupé, Kaka Werá, 1964 - Tupã Tenondé: A Criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani / Kaka Werá Jecupé – São Paulo: Peirópolis, 2001

Chão Coletivo. Memórias, saberes e técnicas construtivas dos Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá/ Organização de Glória Kok–São Paulo: Editora Escola da Cidade, 2022.

Gianesella, Rubens Ramos. Paisagens no tempo: vilas litorâneas paulistas. 2008. 191 pgs., 1 DVD. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Pirani, José Rubens e Cortopassi-Laurino, Marilda. Flores e Abelhas em São Paulo. São Paulo: Edusp, 1994.

Cortopassi-Laurino, Marilda e Nogueira-Neto. Paulo. Abelhas sem ferrão do Brasil. Edusp, 2021.